



NATUREZA BRASÍLICA NAS FARMACOPEIAS DO FREI JOÃO DE JESUS MARIA

Wellington Bernardelli Silva Filho*

**Doutorando em História das Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT) e bolsista pelo programa de Doutorado Pleno no Exterior pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*

Resumo

Ao longo do século XVIII a literatura farmacêutica inicia um novo capítulo na história da farmácia e, em um sentido abrangente, da própria história médica portuguesa. A incessante impressão de farmacopeias, que culminaria na publicação da primeira farmacopeia oficial do Reino de Portugal em 1796, evidencia o esforço dos médicos e boticários – e posteriormente do Estado – para a regulamentação, modernização e adequação da disciplina aos métodos científicos que estavam em decurso no período. Entre os autores do período, destaca-se o monge-boticário e administrador da botica do Mosteiro de Santo Tirso, Frei João de Jesus Maria (1716-1795), que em 1772 publicou a *Pharmacoepa Dogmatica Medicochimica, e Teórico-pratica*. Nos últimos anos de vida escreve também a *Historia Pharmaceutica das Plantas Exóticas*, obra que serviria de adição a farmacopeia anterior e que, apesar de todas as licenças reais e eclesiásticas necessárias, não chegou a ser impressa.

A presente comunicação tem como intuito apresentar as farmacopeias do monge-boticário, destacando a importância atribuída nelas as plantas com potencial terapêutico, em especial as oriundas do Brasil. Influenciado pela classificação lineana e pelos ideais de ilustração de Domenico Vandelli, as obras do Frei Jesus Maria são marcadas por um particular interesse na flora colonial. Nesse contexto, defendeu o autor que um maior conhecimento e uso racional dessas, além do desenvolvimento das práticas de terapêuticas, proporcionariam o acréscimo de novas e lucrativas fontes comerciais. Assim, as páginas das farmacopeias do monge-boticário propiciam constatar uma perspectiva singular, onde o uso tradicional das plantas terapêuticas feita pelos indígenas convergem com o conhecimento erudito europeu, tendo como pano de fundo a tensão paradigmática existente entre o galenismo e farmácia química no contexto da reforma pombalina.